SADEQ HEDAYAT

O MOCHO CEGO

Traduzido do persa (Irão) por
Carimo Mohomed

E-PRIMATUR

I

Na vida há certas feridas que, como um cancro, corroem a alma, diminuindo-a e levando-a à solidão.

Como é, normalmente, um hábito relegar esses sofrimentos incríveis para o domínio dos acasos e acontecimentos raros e singulares, não é possível revelá-los a ninguém. Se alguém fala ou escreve sobre eles, as pessoas fingirão aceitá-los com observações sarcásticas e sorrisos duvidosos, apegando-se, ao mesmo tempo, às suas crenças anteriores ou às suas próprias ideias sobre eles. A razão disto é que o homem ainda não encontrou remédio para estas feridas, sendo agora o único remédio o esquecimento total induzido pelo vinho ou o sono artificial induzido pelo ópio ou por outros narcóticos. É uma lástima, no entanto, que o efeito destas drogas seja transitório e que, passado algum tempo, em vez de a acalmarem, aumentem a dor.

Chegará alguma vez o dia em que alguém penetrará os segredos destes acontecimentos sobrenaturais e reconheça este reflexo da sombra da alma que se manifesta num limbo semelhante a um coma, entre o sono e a vigília?

Irei apenas descrever um desses incidentes que me aconteceram e me chocaram de tal forma que nunca o esquecerei. A sua cicatriz de mau augúrio irá inquinar toda a vida que me resta. Desde o princípio até ao fim da eternidade, onde a compreensão de nenhum homem pode abarcar. Eu disse «inquinar»? Enfim, quis dizer que estou marcado por ela e tal irá permanecer o resto da minha vida mortal.

Tentarei transcrever tudo aquilo de que me recordo, independentemente do que me tenha ficado na memória sobre as relações que ligam os acontecimentos. Talvez eu consiga fazer um juízo universal sobre o mesmo. Não. Quero apenas ter a certeza ou então acreditar, pois considero irrelevante que os outros acreditem em mim ou não. Tenho, simplesmente, medo de morrer amanhã sem me conhecer, porque ao longo da vida tive experiências que me fizeram perceber que há um abismo assustador entre mim e os outros. Também me apercebi de que me devo manter em silêncio tanto quanto me for possível e que devo guardar para mim os meus pensamentos. Se decidi que devo escrever, é apenas porque me devo apresentar à minha sombra, uma sombra que se mantém numa posição inclinada na parede e que parece estar a engolir vorazmente tudo aquilo que escrevo. É para ela que quero fazer uma experiência, para ver se nos conseguimos conhecer melhor, porque desde que rompi as minhas relações com os outros que me quis conhecer melhor.

Pensamentos absurdos! Podem sê-lo, mas torturam-me mais do que qualquer realidade. Não estão estas pessoas, que se assemelham a mim e têm aparentemente as mesmas necessidades, caprichos e desejos que eu, não estão elas aqui para me enganar? Não serão elas sombras trazidas à existência apenas para fazerem pouco de mim e me iludirem? Não é aquilo que eu sinto, vejo e penso, imaginário e bem diferente da realidade?

Escrevo apenas para a minha sombra, que está projectada na parede, em frente da luz. Devo apresentar-me a ela.

II

Neste mundo vil, cheio de sofrimento e desespero, pensei, pela primeira vez, que um raio de sol tinha brilhado sobre a minha vida. Mas não, não era um raio de sol, apenas um feixe temporário, uma estrela cadente, que me apareceu na forma de uma mulher… ou de um anjo. E, à luz daquele momento, que durou apenas cerca de um segundo, assisti a todos os infortúnios da minha vida e descobri a sua dimensão e a sua grandeza. Então, este feixe de luz desapareceu outra vez no abismo escuro no qual estava destinado a desaparecer. Não. Eu não podia guardar para mim este feixe temporário.

Passavam três meses, não, dois meses e quatro dias, desde que a tinha perdido, mas a recordação dos seus olhos encantadores, melhor, a malícia apelativa dos seus olhos, permaneceu na minha vida para sempre. Como posso esquecer alguém tão importante para a minha vida?

Não, nunca mais voltarei a pronunciar o seu nome, porque ela, com aquele corpo etéreo, delgado e nebuloso, com aqueles dois olhos grandes, espantados,

cintilantes, atrás dos quais a minha vida estava gradual e dolorosamente a queimar-se e a derreter-se, já não pertence a este mundo vil e feroz. Não, não desgraçarei o seu nome com coisas terrenas.

Depois de a ver, retirei-me do círculo das pessoas. Retirei-me completamente do círculo dos tolos e afortunados e, para me esquecer, tentei refugiar-me no vinho e no ópio. Passei, e ainda passo, a minha vida diária dentro das quatro paredes do meu quarto. Toda a minha vida se tem passado dentro dos confins de quatro paredes.

A minha ocupação diária era a pintura de tampas de estojos para canetas. Todo o meu tempo era dedicado à pintura de tampas de estojos para canetas e ao consumo de álcool e ópio. Escolhera a ridícula profissão de pintor de tampas de estojos para canetas para matar o tempo.

Por um acaso da sorte, a minha casa fica fora da cidade, numa zona calma e tranquila, longe da confusão e do bulício da vida das pessoas. Os seus limites estão bem definidos e, à volta, há umas ruínas. Para lá da trincheira, no entanto, vêem-se algumas casas baixas, feitas de adobe, e a cidade começa aí. Não sei que louco ou arquitecto maldisposto construiu esta casa em tempos esquecidos, mas quando fecho os olhos, não só todos os seus recantos e fendas se materializam perante os meus olhos, mas sinto também a sua pressão sobre os meus ombros. É uma casa que apenas podia ter sido pintada em estojos antigos para canetas.

Devo escrever sobre todos estes acontecimentos para me assegurar de que não são uma invenção da minha imaginação. Devo explicá-los à minha sombra, que está projectada na parede.

Para começar, antes deste incidente só me restava uma fonte de alegria ou contentamento. Eu costumava pintar as tampas de estojos para canetas dentro dos confins das quatro paredes do meu quarto, e passava o tempo com este divertimento ridículo. Mas, depois de ver aqueles dois olhos, depois de a ver, qualquer trabalho, qualquer movimento, perderam inteiramente o sentido e o valor intrínseco. No entanto, o que é estranho e incrível é que, por alguma razão, os temas de todas as minhas cenas pintadas têm sido do mesmo tipo e da mesma forma. Eu costumava desenhar sempre um cipreste, debaixo do qual um velho, embrulhado num capote, erguendo os seus ombros à maneira dos ióguis indianos, se sentava numa posição agachada. Usava um *shalma*(1) à volta da cabeça e punha o dedo indicador da mão esquerda nos lábios, como sinal de espanto. À sua frente estava uma rapariga, trajando um vestido longo e negro, debruçada sobre ele, a oferecer-lhe um lírio. Ela estava debruçada porque havia um regato entre os dois. Teria eu visto esta imagem antes ou era inspirada por algum sonho? Não sei. Sei apenas que tudo o que eu pintasse andaria à volta desta cena

(1) Espécie de lenço largo. (*N. T.*)

e deste mesmo assunto. A minha mão desenhava esta cena involuntariamente. E ainda mais incrível do que isto é o facto de haver clientes para este desenho. Eu até costumava enviar algumas destas tampas para a Índia, ao cuidado do meu tio paterno, que as vendia e me enviava o dinheiro.

Não me recordo muito bem, porque esta imagem me parecia simultaneamente distante e próxima. Agora recordo-me de um incidente. Eu disse que deveria escrever as minhas recordações, mas a escrita destas notas ocorreu-me mais tarde. Não tem importância para o assunto em questão. Apesar de ter deixado a pintura de tampas para estojos de canetas para me dedicar à escrita. Há dois meses, não, há dois meses e quatro dias, era o dia 13 de *Farvardin*([2]).

Toda a gente correra para o campo. Para pintar tranquilamente, eu tinha fechado a janela do meu quarto. Por volta do pôr-do-sol, quando estava ocupado a pintar, a porta abriu-se repentinamente e entrou o meu tio… quer dizer, ele disse que era meu tio. Eu nunca o tinha visto antes porque, desde a sua juventude, ele estivera distante, em viagem. Talvez fosse o capitão de um navio. Pensei que tivesse algum negócio comigo, porque pelos vistos também era mercador. De qualquer forma, o meu tio era um homem velho encurvado,

([2]) Nome do primeiro mês do calendário iraniano. (*N. T.*)

que usava um *shalma* indiano à volta da cabeça e um capote amarelo gasto aos ombros. Tinha a cabeça e o rosto cobertos com um lenço. O seu colarinho estava aberto e via-se-lhe o peito peludo. Podiam contar-se os pêlos da sua barba rala, pois esta sobressaía através do lenço. Com as suas pálpebras vermelhas ulceradas e o seu lábio leporino, tinha uma semelhança muito distante e ridícula comigo, como se o meu reflexo tivesse caído num espelho mágico. Eu sempre imaginara o meu pai como alguém parecido com ele. Depois de entrar, retirou-se para o canto do quarto e sentou-se ali, numa posição acocorada.

Pensando que lhe devia preparar e oferecer alguma coisa, acendi uma luz e entrei no meu quarto. Procurei por toda a parte algo que fosse uma comida adequada a um velho. Fiz isto apesar de saber que não havia nada em casa. Não tinha sobrado nem ópio, nem vinho para mim. De repente, o nicho construído debaixo do tecto captou o meu olhar. Como se tivesse sido inspirado, lembrei-me de uma antiga garrafa de vinho que herdara. Julgo que teriam feito o vinho por ocasião do meu nascimento. A garrafa de vinho estava no nicho. Nunca antes tinha pensado neste vinho. Na verdade, tinha-me esquecido de que existia em casa tal coisa. Para chegar ao nicho, pus um banquinho que estava perto debaixo dos meus pés. Mas assim que tentei pegar na garrafa de vinho, distraí-me com a seguinte cena, através da entrada de ar no nicho: